

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS -
TEL

Sylvânia Rodrigues do Nascimento Silva

CONTRADIÇÕES HUMANAS NA ASCENSÃO
ECONÔMICA DO BRASIL À MODERNIDADE:
LITERATURA E HISTÓRIA EM DOIS ROMANCES DA
DÉCADA DE 1930.

Brasília

2014

Sylvânia Rodrigues do Nascimento Silva

**CONTRADIÇÕES HUMANAS NA ASCENSÃO
ECONÔMICA DO BRASIL À MODERNIDADE:
LITERATURA E HISTÓRIA EM DOIS ROMANCES DA
DÉCADA DE 1930.**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como pré-requisito obrigatório para a aprovação e conclusão do curso de Letras – Português, sob a orientação do Prof. Dr. Sidney Barbosa.

Brasília

2014

AGRADECIMENTOS

- A Deus, que tem me abençoado sempre.
- Em especial às orientações do **querido** professor Sidney Barbosa, que o negrito expresse suficientemente a dimensão do meu carinho.
- Aos meus filhos, Yuri Marques e Odara Luiza Marques, e também ao meu esposo Saulo Howstton, pela compreensão e apoio nos momentos de muitas aflições e nos progressos desta difícil tarefa.
- As minhas irmãs e irmão, que sempre me deram força em tudo na vida.
- Aos meus pais, Ozana Rodrigues e Sebastião Pedro.
- Ao **amigo** Sidney Barbosa, que mesmo passando por um momento difícil se dispõe a me acompanhar nessa, que não será a última, trajetória.
- Aos colegas ausentes e presentes, mais aos ausentes, que mesmo distante e com poucas palavras me ajudaram a seguir sempre em frente.
- A Jussara, pelo compartilhamento de preocupações e alegrias, nos encontros e nos telefonemas.

*“[...] Porque há o aluguel da casa, o armazém, o pão, o leite ... tudo, entretanto, aí parece regulado, uma **fatalidade** complacente zelando para que tudo se equilibre, se equilibre o ganho e o gasto, se equilibre a vida...” (Dyonelio Machado, *Os ratos*, p.42)*

RESUMO

Este trabalho é uma breve análise das contradições humanas em meio às mudanças advindas do projeto político pensado para o Brasil de 1930. Nesse mesmo ano, eclode a Revolução, dirigida por Getúlio Vargas. Esse, após gerir a Revolução de 1930, assumiu e deu início ao período chamado de *Ditadura Vargas*. A Literatura como forma de expressão artística de uma sociedade consegue desempenhar nesse momento uma verdadeira revolução, com uma Literatura engajada que retrata a aflição do povo brasileiro diante de tantas mudanças. Os romances *São Bernardo*, com a modernização no campo e as relações sociais na vida de alguns personagens, e *Os ratos*, com a modernidade e as suas implicações na vida dos cidadãos. Esses romances são representativos de um momento, no qual o Modernismo chegou ao seu ápice, ou seja, na sua realização máxima. Analiso brevemente os opostos *campo* e *cidade* nessas obras. Graciliano Ramos e Dyonélio Machado são dois autores que souberam representar esses momentos importantes e decisivos da nossa História em suas obras literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Anos 1930; campo e cidade; contradições humanas; Modernismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
APONTAMENTOS DIANTE DA HISTÓRIA E DA LITERATURA	10
A LITERATURA DOS ANOS 1930	14
CAMPO E CIDADE	19
<i>SÃO BERNARDO</i>	24
<i>OS RATOS</i>	30
CONCLUSÕES	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	37

INTRODUÇÃO

Os anos 1930 foram anos de extrema agitação social, política e cultural no Brasil. Podemos dizer que foram anos de grandes esforços para modernizar o País, embora dentro de um modelo conservador, esforços para construir uma nova forma de poder frente ao debilitado sistema oligárquico, esforços para redefinir a ciência, a cultura e o desenvolvimento do País. Resumidamente, assim foram os famosos e importantes “Anos Trinta” no Brasil.

No mundo, temos os Estados Unidos mergulhados na Grande Depressão que acabou nos atingindo e a crescente política fascista na Europa que também nos atingiu. Dentro desse contexto, há a Literatura brasileira que, de acordo com Antonio Candido, vem desde o movimento romântico buscando sua afirmação e diferenciação diante das grandes civilizações e também da metrópole Portuguesa. A década de trinta, se assim podemos dizer, é o fechamento do ciclo dessa busca, pois a Literatura consegue desempenhar nesse momento uma verdadeira revolução, com uma Literatura engajada que retrata a aflição do povo brasileiro diante de tantas mudanças. Esse momento Político, Econômico e Social está repleto de discursos de modernização, vindo por influência do governo Vargas que logo depois revelará seu projeto autoritário, influências do fascismo, como mencionado.

No Brasil, início do século XX já se percebia, claramente, à ascensão da cafeeira, a crescente industrialização da cidade de São Paulo, a queda da cultura canavieira no Nordeste do País, mas também o surgimento de uma nova classe.

Em 1930, eclode a Revolução, dirigido por aquele que é amado por uns e odiado por outros, Getúlio Vargas. Esse, após gerir a Revolução de 1930, assumiu o poder praticamente sozinho, derrubando Washington Luís, presidente eleito democraticamente e assim deu início ao período chamado de *Ditadura Vargas*. Getúlio governou o Brasil entre 1930 a 1954, nasceu no Rio Grande do Sul. Apesar de autoritário e violento, com a limitação das garantias individuais e coletivas, no seu governo foi criada a Justiça do Trabalho, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que determinou o salário mínimo e estabeleceu 48 horas de trabalho semanais, entre outras coisas boas para os trabalhadores e para o País. O seu governo foi marcado pelo nacionalismo e populismo.

No entanto, é importante lembrar que embora o Brasil estivesse se industrializando ainda era predominantemente rural e o crescimento das grandes cidades deu-se pelo êxodo rural, propiciado por aqueles que ainda moravam no campo, ex-

escravos e imigrantes. Raymond Williams em *O campo e a cidade* aborda que sempre houve uma ligação muito perceptível entre a terra e as realizações da sociedade, e uma dessas realizações é a cidade. Isso equivale dizer que o eixo da Revolução Industrial foi o grande desenvolvimento da agricultura, logo a nossa lenta industrialização também se deu por meio da imigração estrangeira que trabalhava na lavoura, dos ex-escravos que se tornaram camponeses agregados e da migração causada pela seca no Nordeste.

A Literatura vem refletir toda essas questões econômicas, sociais e políticas, em ebulição no panorama Político e Social do Brasil. Graciliano Ramos e Dyonélio Machado são dois autores que souberam transfigurar esses momentos importantes e decisivos da nossa História em suas obras literárias. Nesse sentido, verificamos que *São Bernardo* e *Os ratos* são romances que se encontram num período de tomada de consciência que Antonio Candido (2006) situa como a fase mais amadurecida, na qual o romance e também o conto vivem um momento riquíssimo de inspiração nos dramas da realidade daquela época. Ela foi caracterizada com o declínio da oligarquia e com a formação de uma nova classe, o proletariado, que resultaram na aridez e na difícil vida nas cidades. Apresenta-se nessa fase, o que Antonio Candido (2006) determina como importantíssimo caráter de movimento, pois estamos falando do Modernismo que é muito mais que um movimento estético, é um movimento das ideias em vários sentidos, na arte e no pensamento brasileiro.

É importante lembrar que os modernistas adentram com firmeza no debate da busca de uma identidade e afirmação da nossa Literatura, sem manifestar desprezo por influências exteriores. Contudo, as obras de Graciliano Ramos e de Dyonélio Machado são representativas de um momento do Modernismo o qual, podemos dizer, chegou ao seu ápice, ou seja, na sua realização máxima. A esse período deu-se o nome de “Regionalismo”, que marcou nova fase do Modernismo brasileiro, com o propósito de denúncia e crítica social. Em 1930, o romance brasileiro vem marcadamente com uma base marxista, refletindo a pobreza e a decadência, principalmente da região do Nordeste, e as contradições produzidas pelo capitalismo no *campo* e na *cidade*.

Neste trabalho busco estabelecer uma ligação entre as personagens centradas no campo e na cidade nas obras: *São Bernardo*, de Graciliano Ramos e *Os ratos*, de Dyonélio Machado. São romances que estão dentro de um contexto de afirmação da identidade brasileira no século XX e de uma nova forma da literatura brasileira discutir a relação entre o local e o universal. Como sabemos, esse momento trata-se do Modernismo brasileiro. Portanto, vale ressaltar que trabalhar o Modernismo brasileiro é

de alguma forma trabalhar também o momento político dos anos 1930, pois essas alterações da sociedade no País estão refletidas nas obras literárias.

A escolha do *corpus* está ligada a contribuição, pois pretende-se com o presente trabalho, discutir as dificuldades enfrentadas pelos personagens retratados nesses romances, observando-os no contexto do campo e da cidade, contribuindo assim com discussões já iniciadas em torno da problemática, campo e cidade na Literatura. Na verdade, o que nos interessa é verificar em que medida a Literatura repercute a situação das pessoas que viveram nessa época de tantas transformações sociais. O Brasil, a partir de 1930, vai tomar um rumo desenvolvimentista na Economia, na Sociedade e na Política. E, as personagens, tanto de *São Bernardo* quanto de *Os ratos* são a prova do quanto custou esse progresso às pessoas que viveram aquele período.

A razão primeira da escolha é porque, como afirmamos acima, os anos 1930 foram de grande importância para o desenvolvimento do Brasil, e a segunda é que a Literatura reflete essa realidade. O que Graciliano Ramos e Dionélio Machado vão fazer nesses dois romances é retratar esse contexto no campo e na cidade, mostrando o sofrimento de todos, pobres e ricos, explorados, oprimidos e opressores. O trabalho seguirá numa pesquisa sobre o contexto histórico na década de 1930 que constitui o pano de fundo, onde habitam as personagens mais importantes dos romances, Naziazeno Barbosa e Paulo Honório, no espaço citadino e camponês, respectivamente. O presente trabalho se diferencia por procurar fazer uma pequena análise das representações dos dois, e não de um ou de outro exclusivamente. Observando assim, o contraste e a linguagem nas obras.

Sabe-se também que há um extenso estudo sobre a obra de Graciliano Ramos, porém não podemos dizer o mesmo sobre Dionélio Machado. Por isso, é importante identificar como a obra desse autor que se encontra no mesmo período literário e que tem, talvez, a mesma percepção de mundo e o mesmo valor literário que a de Graciliano Ramos, mas de forma diferenciada na produção estilística. Nesse caminho, buscamos nos teóricos, Raymond Williams, Antonio Candido e nos estudiosos, Luís G. B. de Camargo e João Almino a fundamentação teórica inicial para trilhar nossos objetivos.

APONTAMENTOS DIANTE DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

Os anos trinta do século XX foi o período mais emblemático da história do País, pois se caracterizou por “ausência de rupturas claras com as relações sociais, as concepções e os interesses legados pelo passado” como afirmou Marco Aurélio Nogueira (1988) no seu texto *Anos Trinta*. O Brasil dos anos trinta deixou-nos marcas profundas em vários segmentos da sociedade. Para entendermos, esse momento, vamos, de forma resumida, voltar um pouco no tempo, mais precisamente à República Velha (1889-1930) em que era comandada pelas oligarquias rurais, com o conhecido acordo do *café-com-leite* segundo o qual se alternavam no governo as elites de São Paulo (cafeeira) e de Minas Gerais (pecuária). Portanto, temos aqui uma economia baseada na produção e exportação agrícola.

Nesse contexto, é preciso frisar que, de acordo com Pomar (1999, p.7) o nascente setor social que se configurou a partir da fundação da indústria, no final do século XIX, “Era ligado às oligarquias agrárias, mas não dispunha de poder. Não participava das decisões políticas e econômicas, mesmo as que diziam respeito às atividades industriais.” A oligarquia paulista tinha um relevante interesse na produção e nos lucros, mas com a queda da Bolsa de Nova York que irrompeu em 1929, “Só os cafeicultores, protegidos pelo governo, ainda obtinham lucro. As outras oligarquias tinham prejuízos e sentiam-se abandonadas.”, abrindo para uma crise de hegemonia das grandes oligarquias. Nessa conjuntura, repartiu-se a organização oligárquica da República Velha, levando a uma boa parte, como os de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, a se unir com o nascente setor empresarial que crescia para romper com a oligarquia paulista.

O ano de 1930 era um ano de eleição presidencial, o candidato que disputava, Júlio Prestes teve o total apoio da oligarquia paulista, deixando de lado os mineiros. Assim eclode, a ruptura do acordo *café-com-leite*. Com a divisão das oligarquias surgiu a Aliança Liberal que representa Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba contra a oligarquia paulista do Partido Republicano Paulista (PRP). Vale lembrar que durante os anos vinte do século XX, houve algumas reações da sociedade como greves de

operários e a conhecida Revolta Tenentista¹, ou seja, várias tensões sociais, agravadas também pela crise econômica.

Nessas condições, a Aliança Liberal lança a candidatura de Getúlio Vargas para Presidente e seu vice João Pessoa. No entanto, a oligarquia se manteve no poder com a vitória de Júlio Prestes, saindo do poder o então presidente Washington Luís, mas os problemas do País continuavam a se agravar, como a economia baseava-se fortemente na produção agrícola e na exportação que tinha o café como produto principal. Com a queda da bolsa em 1929, despencou o preço do café, emanando muitas falências e grande desemprego. Com as tensões sociais, e a morte do candidato à vice-presidente, João Pessoa, a tensão política se agravou, eclodindo num movimento armado liderado por Getúlio Vargas. Nesse contexto, cria-se, uma reação, ocorrendo em 3 de outubro de 1930 a “Revolução”, a qual pretendia acabar com o regime mantenedor das oligarquias e modernizar o País, que era muito atrasado. Dando início ao período conhecido como a *Era Vargas* ou *Ditadura Vargas*. De acordo com Pomar a *Era Vargas* se deu da seguinte forma:

Getúlio Vargas esteve duas vezes à frente do governo. Da primeira vez, foi sucessivamente chefe do governo provisório (1930-1934), presidente eleito pela Assembleia Constituinte (1934-1937) e, finalmente, ditador imposto por um golpe militar (1937-1945). Da segunda vez, foi eleito presidente em 1950 e governou até 1954, quando se suicidou. (POMAR, 1999, p. 4)

No ano de 1930, o governo de Vargas instaurou o governo provisório, destituiu o Congresso Nacional, criou o Conselho Federal de Comércio Exterior e o Ministério do Trabalho. Alguns setores da oligarquia que ainda dominavam não estavam satisfeito e já em 1931 tramava para retornar a situação antiga, reivindicavam uma Constituinte. Esses setores eram as oligarquias antigas, as quais dominavam mais o setor do empresariado, conspirando em conjunto com o Partido Republicano Paulista. Assim, eclode a Revolução Constitucionalista de 1932. Em meio a tudo isso, segundo Pomar (1999) surgia o integralismo que aprovava os regimes ditatoriais, com a Ação Integralista Brasileira – AIB comandada por Plínio Salgado. Em 1933, ocorreram às eleições para a formação da Constituinte, que acabou sendo promulgada em 1934, e Vargas foi nomeado presidente. Assim, a nova Constituição dava-o plenos poderes.

¹ Movimentos dos oficiais das Forças Armadas, responsável por vários levantes no Rio de Janeiro e São Paulo, destacando a Coluna Prestes. (POMAR, 1999, p. 8)

Na Constituição de 1934 havia marcas liberais e conservadora, visto que ela destinou uma série de direitos nas áreas trabalhistas e eleitoral como o voto feminino, reduziu a idade do eleitor de 21 para 18, instituiu a Justiça do Trabalho, jornada de oito horas, salário mínimo, pluralidade sindical, separação do Estado e da Igreja, e o ensino primário obrigatório. Mas, continuou com o voto obrigatório, secreto e direito, e estabeleceu o centralismo do governo. Os que não concordavam com as decisões do governo eram perseguidos.

Em 1935, nasce a Aliança Nacional Libertadora com o propósito de unir em uma única frente, comunistas, anarquistas, anti-integralistas, liberais e forças populares, apoiado pelo Partido Comunista (1922). O governo de Getúlio era considerado centralizador, intervencionista, nacionalista, autoritário e populista, pois ele controlava os movimentos sociais e os meios de comunicações. De acordo com Milanesi (1978), nessa época a imprensa, como formadora de opinião pública, pouco podia fazer, pois a taxa de analfabetismo era muito alta, principalmente nas regiões agrícolas. Na imprensa havia colaboradores espontâneos e remunerados, aqueles que escreviam tinham o respeito da sociedade e eram temidos, pois podiam elogiar ou condenar. Ainda conforme Milanesi (1978) até a Revolução Industrial havia dois polos culturais distintos, uma era a cultura erudita e a outra popular que a partir do século XIX essa distinção deixou de existir. No Brasil, a indústria da cultura foi retardada pelo atraso do crescimento e modernização. Em 1930, houve a popularização do rádio, mas mesmo assim, a comunicação entre a cidade e as pequenas cidades era vagarosa. O rádio foi na época o meio de comunicação revolucionário como diz Milanesi:

Foi o primeiro meio de transmissão e recepção imediata de mensagens sonoras a longa distância. Enquanto o jornal, restrito a poucos alfabetizados, trazia a notícia que, posteriormente, seria divulgada pela transmissão oral, o rádio já atingia, diretamente, um número de pessoas que crescia independente da escolaridade. Para ouvir a programação radiofônica, diariamente a qualquer hora, bastava apenas adquirir um receptor. Nesse sentido, a popularização do rádio só foi dificultada pelo poder aquisitivo da população. (MILANESI, 1978, p. 75-76)

Segundo Ferraretto (2001), o rádio no Brasil apareceu pela primeira vez a pedido da Repartição Geral dos Telégrafos que realiza a primeira demonstração pública de radiodifusão sonora, no dia 7 de setembro de 1922. A demonstração foi promovida pela Westinghouse. A primeira emissora regular foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro,

criada no ano seguinte pelo cientista e professor Edgard Roquette-Pinto, conhecido como o pai do rádio brasileiro, mas a primeira a transmitir efetivamente, embora sem frequência ou continuidade, foi a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919. Em 1932, a publicidade foi regulamentada, o que deu início a um novo período na história da radiodifusão, estando presente já em vários estados. Dessa forma, a rádio era patrocinado por empresários e comerciantes como pontua Milanesi (1978, p. 78) “coube às poderosas empresas radiofônicas, sustentadas pelas indústrias e pelo comércio, levar a toda parte a mensagem, a mais uniforme possível, patrocinada pelos empresários.” Assim, a rádio foi a grande vitrine do País.

Nesse contexto, o rádio foi um grande aliado de Getúlio Vargas, pois com o objetivo de alcançar o grande número da população, transformou-o em meio de comunicação popular, tornando-o aliado no sentido de controlar as informações, difundindo apenas aquilo que era de interesse do Estado. Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, e instituiu a todas as emissoras de rádio a transmitirem o programa *A Hora do Brasil* que hoje conhecemos por *A voz do Brasil*. A partir do rádio as artes no Brasil tomaram outro rumo. Um país que queria ser moderno, também queria se impor na arte, através do rádio a música brasileira começa a se tornar um elemento importante na década de 30. Uma das cantoras que teve projeção internacional e que levou a imagem do Brasil para o mundo, de maneira estereotipada ou não, foi a Carmen Miranda conhecida como *A Pequena Notável*.

Mas, como marcar todas as diferenças culturais em um país de enormes extensões com uma grande variação racial que é a grande característica do povo brasileiro, talvez a história do desenvolvimento econômico, político e social de cada região possa nos mostrar algo mais marcante, ou indo mais longe ainda, talvez a Literatura possa nos mostrar, ou melhor, retratar as diferenças marcantes da realidade brasileira de um país arcaico que busca a modernidade, vivendo o mais absoluto contraste entre a riqueza e a pobreza, o desenvolvimento e o atraso, a exclusão e acesso a educação e cultura, inercia econômica e fartura de recursos. De acordo com os apontamentos de Antonio Candido (2006) em relação à nossa “lenta maturação da nossa personalidade nacional”, cada vez que fomos deixando-nos envolver pela nossa consciência da diversidade, mais nos insurgimos ao modelo tradicional europeu.

Então, nesse período de turbulência que foi os anos trinta inaugurou-se uma nova elite que queria modernizar o Brasil, mas o modelo de modernização nomeado pelos novos republicanos era o modelo europeu, redesenhando os espaços públicos das

grandes cidades, principalmente o Rio de Janeiro que era a capital federal do Brasil, e buscava-se um tom cosmopolita para a capital. Esse momento de “civilização” na capital, em que as transformações privilegiavam as elites, estabeleceu-se um novo costume, encontros em confeitarias, em clubes, intenso tráfego de pedestres nas ruas, bondes e automóveis, ruas iluminadas, idas ao teatro, uma vida agitada, em outras palavras, estabeleceu uma rotina urbana. Entretanto, nos pequenos bairros a população sofria com o crescimento desordenado e escassez de emprego. E, a Literatura vem revelar o verdadeiro Brasil para o brasileiro, vimos isso já nas manifestações literárias do período conhecido como Pré-Modernismo. Com autores como Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato.

A LITERATURA DOS ANOS 1930

O romance de 1930 vem nos mostrar as realidades, as particularidades, os problemas sociais, e o fracasso. Sendo, esse último, o foco do romance de 1930, pois a perspectiva de desenvolvimento gerada pelo momento de grandes transformações deixou-nos com grandes esperanças de renovação em vários setores. No entanto, o projeto de desenvolvimento que fomentou esperança de modernização, não deu quase nenhum resultado, deixando um rastro de frustração, como aponta Camargo:

O resultado, no entanto, se revelou frustrante. Se é verdade que foram eliminados certos aspectos arcaicos da sociedade brasileira, também é verdade que foram apenas os que não podiam ser sustentados, e o regime de Vargas, resultado direto da revolução, não foi o vetor de qualquer transformação que pudesse confirmar as esperanças que a prepararam. (CAMARGO, 2001, p.76)

Dessa forma, com um progresso desigual e um país em dificuldade, os romancistas brasileiros de 30 conscientes do atraso e da falta de igualdade que a modernidade capitalista legou aos mais pobres, tem a figura do explorado como a grande questão. Contudo, é importante ressaltar que, a Literatura brasileira é marcadamente regida pela dialética entre o *local* e o *universal* como afirma Candido:

Pode-se chamar dialética a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia

(que se apresentam como forma da expressão). (CANDIDO, 2006, p.116)

A produção literária brasileira, na primeira fase do movimento Modernista é destacada por Candido (2006) pela **Semana da Arte Moderna** e pela ruptura que o Modernismo traz, inaugurando um novo momento na dialética do universal e do particular. O autor também sublinha o nacionalismo dessa geração que deixou de lado o patriotismo ornamental e acolheu a arte primitiva e folclórica, visto que eles estavam muito atentos aos elementos arcaicos e populares, misturando as culturas primitivas à vida cotidiana.

Candido (2006) situa ainda os anos de 1930 como a fase de maturação do romance brasileiro. Alia-se a essa noção, a abordagem que João Luís Lafetá traz em seu texto, *Estética e ideologia: o Modernismo em 1930*, publicado na Revista *Argumento*:

Tendo completado de maneira vitoriosa a luta contra o passadismo, os escritores modernistas e a nova geração que surgia tinham campo aberto à sua frente, e podiam criar obras mais livres, mais regulares e seguras. Sob esse ângulo de visão, a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completa – pela ampliação dos horizontes de nossa literatura – a revolução na linguagem. (LAFETÁ, 2004)²

Considerando esses fatores e os elencados aqui sobre o conjunto de contradições nas questões históricas, os romances, *São Bernardos* e *Os ratos*, realizam e superam nas referências diretas e indiretas dos elementos sociais e nas contradições humanas empregadas nas narrativas. Uma vez que, esses romances se inserem na tradição literária brasileira, bem como na questão estética e no momento da história social do País. Esses romances, como sabemos, estão inseridos, historiograficamente, na segunda fase do Modernismo Brasileiro.

Diante disso, temos nessa fase ainda a preocupação com a construção do nacional (local) pela literatura brasileira que vem desde o Romantismo. Antonio Candido em *Literatura e Cultura de 1900 a 1945* (2006) coloca em evidência a dialética do *localismo* e do *cosmopolitismo*, trazendo à tona a intencionalidade da imitação dos padrões europeus. De acordo com ele, esse processo dialético que tem por meio do dado local e dos modelos eurocentristas representado na literatura brasileira trava uma verdadeira batalha de superação do sentimento de inferioridade. Candido observa que temos dois momentos decisivos na literatura brasileira – o Romantismo no século XIX e

² Não há número de página na fonte.

o Modernismo que se deu no século XX. Ambos se servem do exemplo europeu, mas representam um particularismo estético na dialética do local e do cosmopolita. O autor ressalta ainda que a literatura do século XX se divide em três etapas: a primeira de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. A primeira etapa, dentro dessa divisão, é o que Candido chama de literatura de *permanência*, em que percebemos o academismo. A segunda etapa, ele destaca a Semana da Arte Moderna e a ruptura que o Modernismo traz, inaugurando um novo momento na dialética do universal e do particular, assinalando o fim da posição de inferioridade com Portugal. O nobre crítico determina como *importantíssimo caráter de movimento*, pois o Modernismo corresponde a um amplo movimento das ideias em vários sentidos, arte e pensamento brasileiro.

Assim, o romance *Os ratos*, dentro dessa perspectiva do local ou nacional, tem citado o integralismo, que reproduzia algumas ideias fascistas e se destacava como grande organização partidária nacionalista: “Nazizeno espera que ele lhe dê as costas, vá reatar a palestra interrompida, aquelas observações sobre a questão social, comunismo e integralismo.” (p.44), Antonio Candido (2006, p.130) pontua que “Ele representou, de certo modo, a exacerbação de um aspecto do localismo modernista: o nacionalismo, transferido para o terreno da política.”. Em *São Bernardo* também encontramos várias discussões sobre política, das quais encontramos um léxico voltado para a questão política vivida na época, como: fascismo, comunismo, revolução, oposição, proclamação da república, reforma sociais, ditadura, entre outros.

Em outro contexto, mas dentro da perspectiva do local, por meio do personagem Paulo Honório em *São Bernardo*, percebemos que Graciliano Ramos faz um questionamento em relação à literatura produzida no Brasil, uma vez que um personagem de baixa escolaridade, bruto, matuto, que ascende socialmente, se destaca pelo poder do processo capitalista, que tenciona escrever um romance, talvez seja um projeto audacioso, mas que Paulo Honório consegue fazê-lo. Podemos ainda levantar a seguinte hipótese que o personagem-narrador queria, também, esse destaque que a vida, ainda, não tinha lhe dado, pois se destacou pelo trabalho manual pesado, em que aprendeu a ler na prisão com Joaquim sapateiro e por ser “versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil” (p.12), mas faltava-lhe ainda o destaque pela produção literária, embora sabendo que não tem “linguagem apropriada”, fazendo

assim, um pedido ao leitor: “As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem.” (p. 13).

Então, percebemos que além de trazer à tona a questão da linguagem, Graciliano Ramos deixa explícito, utilizando expressões muito populares “[...] todo caminho dá na venda.” (p.12), ora ele faz uso de um léxico culto ora do popular como: “pernóstico” e “lambaio, esbodegado, prenhe, picuinhas, cafundó” entre outras. Graciliano Ramos traz o problema social para a Literatura, ora denunciando ora adotando postura de militância. Assim, ele pontua a questão da linguagem, debatida ainda na primeira fase do Modernismo, aprimorando o questionamento e deixando sua marca na segunda fase do movimento modernista. Luís Gonçalves Bueno de Camargo em sua tese *Uma História do Romance Brasileiro de 30* (2001) afirma que João Luiz Lafetá de forma muito sábia, soube estabelecer as diferenças entre os dois primeiros momentos do Modernismo:

Ele conseguiu criar uma forma de pensar que, de certa forma, harmoniza as diferenças entre os dois momentos. Seu ponto de partida é o de que todo movimento estético tem um projeto estético e um projeto ideológico. No caso do modernismo brasileiro teria ocorrido uma ênfase maior no projeto estético durante a fase heroica e, nos anos 30, a ênfase estaria no projeto ideológico. (CAMARGO, 2001, p.47)

Nesse sentido, podemos dizer que Graciliano Ramos vai ao encontro da proposta dos primeiros modernistas sobre o projeto estético, trazendo a língua nacional (não no nível gramatical), mas no campo do léxico para a prática corrente da língua, como vemos nos usos de expressões tipicamente nordestinas “arenga, engracei, prenhe, etc”, e também do projeto ideológico, quando Graciliano, incluindo também aqui Dyonélio Machado, faz uma literatura engajada que envolve conflitos sociais, deixando suas marcas de denúncias. Em relação à língua vemos no Posfácio de *São Bernardo*, escrito por Godofredo de Oliveira Neto, que Graciliano fala em tradução para o português brasileiro, considerando-o que a língua nacional há uma riqueza no falar popular. Assim, encontramos nesse trecho, essa problematização no diálogo de Paulo Honório com Azevedo Gondim:

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacós da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

- Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

- Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. (p. 9)

Além da questão linguística, de estabelecer uma língua nacional forte, também problematiza a questão de que o narrador-personagem não é letrado, deixando claro para o leitor que existe um abismo entre a literatura nacional e os leitores mais populares ou socioeconomicamente menos favorecidos.

Nessa perspectiva, é bom observar que a produção dos anos 30, institui um momento de revitalização da cultura, mas também de um registro, consciente ou não do tempo histórico. Levando-nos a pensar na função da Literatura. Antonio Candido (2000) em seu texto *Estímulos da Criação Literária* nos apresenta três funções que a arte literária desempenha na sociedade, a saber: função total, função social e função ideológica. Assim, temos na função total uma formulação de um sistema simbólico que remete, por meio de ferramentas apropriadas, certa percepção do mundo, expressando representações sociais e individuais, levando-se em conta, que uma grande obra depende da sua universalidade, ou do seu aspecto atemporal, e estas dependem, “da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.”, ainda conforme Candido (2000, p. 49), a função social abarca “o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade.”, e a função ideológica está ligada a determinado fim que o autor ou artista quer alcançar, talvez o autor não o consiga, às vezes o público não consegue enxergar, conforme Candido:

[...] a obra pode ser dita interessada, no sentido próprio, e não sectário, embora geralmente a função ideológica se torne mais clara nos casos de objetivo político, religioso ou filosófico. Esta função é importante para o destino da obra e para a sua apreciação crítica, mas de modo algum é o âmago do seu significado, como costuma parecer à observação desprevenida. (CANDIDO, 2000, p. 50)

Dessa forma temos na Literatura de 30, o que Camargo (2001, p.63) aponta como um “[...] alargamento do espírito de 22 [...]”, e de que “[...] temos dois momentos literários distintos.”. Desse modo, podemos dizer que a Literatura de 30 nos deixou um legado com a superação do que foi proposto pelos primeiros modernistas, potencializando a arte nacional. Hoje, temos uma Literatura concisa e forte.

CAMPO E CIDADE

Na tese *Uma história do romance brasileiro de 30*, Luís Gonçales Bueno de Camargo traz um apontamento muito interessante de que:

Os romanistas mais bem sucedidos dos anos 30 foram exatamente aqueles capazes de perceber a relação tensa que há entre os vários pares de opostos que representavam [...] a literatura do momento – cidade e campo, indivíduo e coletividade, psicologia e sociedade, o mesmo e o outro e assim por diante – e incorporá-la, como problema, em suas obras. Cada um à sua maneira, este foi o caso de Cornélio Penna, Cyro dos Anjos, Dyonélio Machado e Graciliano Ramos. (CAMARGO, 2001, p. 483)

Então, Camargo coloca os dois autores que trabalho nessa monografia como aqueles que figuraram um dos momentos mais importante da nossa Literatura e que souberam apresentar elementos contundentes que representaram o Brasil de fato, trazendo à tona várias contradições. Nesse sentido, tentaremos esboçar nessa parte do trabalho a questão dos opostos: **campo e cidade** nos romances *Os ratos* e *São Bernardo*. Esses romances mesmo observados de maneira superficial, o leitor percebe que eles têm um diálogo entre o campo e a cidade, “cada um à sua maneira”. Em *São Bernardo* predomina o campo, que traz um diálogo referente à visão camponesa em contraponto da vida urbana. Em *Os ratos* predomina o espaço da cidade, na medida em que o Brasil se modernizava na época, mas essa modernização, ou melhor, esse progresso não se desenvolve de modo constante e a sua chegada demanda uma série de questões na vida dos brasileiros. Então, ainda que n’*Os ratos* há a predominância da visão urbana da vida, encontramos contradições em relação a esse aspecto urbano, de um lado temos: cafés, automóveis, edifícios, etc.; de outro, a carroça, o burro, o cavalinho, o açoite, e “Aquela gente”. Dyonélio Machado concebe um romance com essas contradições, no qual é retratado um Brasil, onde se vê um processo de modernização moroso. Como afirma Luís Gonçales Bueno de Camargo:

No caso do romance de 30, a formação da consciência de que o país é atrasado canalizou todas as forças. Produziram-se romances que se esgotavam ou na reprodução documental de um aspecto injusto da realidade brasileira ou no aprofundamento de uma mentalidade equivocada que contribuiria para a figuração desse atraso. (CAMARGO, 2001, p.90)

Esse atraso é figurado no romance *Os ratos* no espaço da cidade, mas precisamente na **rua**. De acordo com Borges Filho (2007) o espaço propicia a ação, ou

seja, ele age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação, e situa também o personagem geograficamente – onde podemos encontrar na narrativa, várias referências, como: rua Paissandu, rua Clara, rua Santa Catarina, rua da Ponte, rua do Rosário, rua General Câmara, rua Coronel Carvalho nº 357, rua Nova, Praça Quinze, Ladira, Dores, Nacional, apresentando, o narrador, o espaço em que o personagem se encontra. Dessa maneira, percebe-se na visão de Dyonélio que a humanidade do personagem está reforçando o elemento social que o romance traz:

Naziazeno observa melhor o indivíduo: ele tem mesmo o ar de pessoa de fora, de gente da campanha. A pele é trigueira, cheia de rugas. Parece homem de quarenta anos. Tem o cabelo todo preto e liso, como de índio.

Certamente não mora na linha do bonde. Habita uma pequena chacinha, onde possui a sua criação. Tudo é relativa fartura lá. Dinheiro não há de ter, *dinheiro*: mas tem a despensa cheia. A casa produz: galinhas, um que outro porco, frutas, etc. (p.13/14)

O autor vem apresentando de forma peculiar aquilo que norteava a sociedade brasileira da época. Pois, mostra um “material humano³” instável moralmente, psicologicamente e fisicamente. Naziazeno, personagem que perpassa todo o romance é fracassado, sem forças, um homem da cidade que contrasta com o personagem Paulo Honório que é camponês, embrutecido, mas que é um forte, fazendo-nos pensar que não teria lugar no campo para um homem como Naziazeno.

Raymond Williams em *O campo e a cidade* diz que sempre houve uma ligação visível entre a terra e as realizações da sociedade humana e uma dessas realizações é a cidade. Para Williams (2000) o campo sempre foi associado a uma forma de vida simples e saudável, diferentemente da cidade que é associado a sentidos negativos, embora haja também, positividade no sentido de realizações de desenvolvimento e saber intelectual. Segundo Williams (2000, p. 11) “O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade Clássica.” Para Fustel de Coulanges (1975) a formação da cidade, no contexto da Antiguidade Clássica, deu-se na constituição da família, da fratria e da tribo como um corpo independente em que se excluía o estranho. A religião não permitia, por exemplo, que duas tribos incorporassem-se, formando uma só. Mas, algumas fratrias se uniram a uma tribo e algumas tribos puderam se unir e se associar, com a condição de que o culto religioso de

³ CANDIDO, A. Entre campo e cidade. *In* Tese e Antítese: ensaios. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1964. P. 32

cada uma delas fosse respeitado. Quando se fez essa associação, nasceu a cidade. É preciso frisar também que, conforme Coulanges (1975, p. 116) não podemos perder de vista que, na “Antiguidade o culto estabelecia a conexão unificadora de toda e qualquer sociedade.”, assim, percebemos que a religião estava presente em tudo.

Contudo, é bom entender que o “desenvolvimento” das cidades é devido ao grande desenvolvimento agrário, sendo este o eixo da Revolução Industrial. Raymond Williams (2000, p. 12) explica que “A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional.” Então, devemos levar em conta que, apesar do processo de modernização e industrialização percebe-se que mesmo na grande cidade - onde é retratada a história de Naziazeno - encontramos contexto de animais puxando carroças e coisas do gênero. “Passam carroças de padeiro e de leiteiro, algumas à disparada, meio pendidas para trás, a figura curva do carroceiro açoitando o animal.” (*Os ratos*, p.14)

Em *São Bernardo* e *Os ratos*, as relações que podemos estabelecer entre campo e cidade, não tratam apenas de situações entre desenvolvimento e grau de instrução dos personagens, mas também sobre o uso e gozo de imóvel, bens e outros objetos mediante pagamento, juros e poder. No campo, a exploração da natureza está ligada a exploração dos homens, pois conforme Williams (2000, p.59) “[...] não só a terra, mas também as pessoas eram consideradas propriedade; a maioria dos homens via-se reduzidas à condição de bestas de carga, presos pelos tributos, pelo trabalho forçado, ou então “comprados e vendidos como animais”. Isso pode-se enxergar na relação das personagens Marciano e Paulo Honório, que apesar de Mariano servi-lo na terra e também na divisão de sua esposa. Marciano, é considerado por Honório um molambo, nem mesmo um homem. Como vemos no diálogo com Madalena:

- Ah! Sim! Por causa do Marciano. **Pensei que fosse coisa séria.** Assustou-me. [...] **Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem**⁴.

- Por quê?

- Sei lá! Foi vontade de Deus. É **um molambo**⁵. (p. 128/129)

Temos nesse diálogo a condição do personagem Marciano como besta de carga, não homem, ou seja, animal que faz o que se manda a pancadas, sendo assim uma

⁴ Grifo meu.

⁵ Grifo meu.

relação tirânica e de sujeição. De acordo com Etienne de La Boétie no *Discurso da Servidão Voluntária* (2001), o homem se deixa subjugar quando obtém educação e o costume de sê-lo, assim uma das razões da servidão é o hábito. Além da sujeição de Marciano, ainda é preciso levar em conta as condições econômicas e políticas da época no Brasil, que apesar de apresentar mudanças significativas advindas da Revolução de Trinta, ainda mantinham-se grandes ligações com o campo, ou melhor, com o setor agroexportador que era mantenedor das antigas práticas escravistas. Nesse excerto, podemos enxergar que Marciano teve um instante de consciência da sua condição:

Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:

- O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

- Qual dono! Gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros. (p. 68)

Lembrando que, ainda estávamos vivendo uma modernização nos moldes antigos, então a relação patrão e empregado era ainda de *Senhor* e quase *escravo*. O que quer dizer que, o senhor poderia se servir do empregado como quisesse, nesse trecho, podemos enxergar a exploração sexual da esposa do Marciano: “O Marciano conheceria as minhas relações com a Rosa? Não conhecia. Tive sempre o cuidado de mandá-lo à cidade, a compras, oportunamente. E talvez não quisesse conhecer.” (p.160).

O romance *São Bernardo* ainda nos traz, no seu início, a seguinte frase: “Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho”, podemos dizer que nela há implicitamente a divisão do trabalho manual e do intelectual. Nesse sentido, a partir dessa separação do trabalho manual versus intelectual, pode-se inferir como uma separação entre o campo e a cidade, pois segundo Williams:

“À cidade associou-se a ideia de centro de realizações - de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativa: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação.” (WILLIAMS, 2000, p.11)

Isso significa dizer que a cidade sempre esteve ligada ao desenvolvimento e saber intelectual e, mas também, as esbórnias e o campo ligado à cultura da terra e ao

isolamento. A propósito dessas discrepâncias, os personagens, Paulo Honório, D. Glória e Gondim, levantam a questão das diferenças entre a cidade e o campo, nos trechos:

(Diálogo de Paulo Honório com D. Glória)

“[...] - O senhor mora na capital?
- Não, moro no interior.
- Em Viçosa?
- É.
- Eu também, há pouco tempo. Mas cidade pequena... Horrível, não é?
- A cidade pequena? E a grande. Tudo é horrível. Gosto do campo, entende? do campo.” (p.85)

(Diálogo de Paulo Honório com Gondim falam sobre Madalena mudar para São Bernardo)

“[...] – De bons costumes? Claro. O diabo é que talvez não aceite. Morar nas brenhas!” (p.96)

(Diálogo de Paulo Honório com Madalena)

“Aqui não é como lá fora. O cinema, o bar, os convites, a loteria, o bilhar, o diabo, não temos nada disso, e às vezes nem sabemos em que gastar dinheiro.” (p. 122)

Já em *Os ratos*, um romance de olhar urbano, em que o narrador se instala dentro da cidade, ou melhor, na rua, temos um personagem que é fruto de um País que está na corrida em busca de progresso, sob o impulso da brutal vida urbana que vai sufocando-o. O personagem parece não estar preparado para as mudanças. Observamos também que Naziazeno não é um homem requintado, não é apresentado com espírito de boa educação, mas não é tão pouco analfabeto ou sem estudo, uma vez que ele trabalha com números numa repartição pública. Mas apesar disso, não dispõe das comodidades de uma vida boa. O romance se realiza entorno da mobilidade do personagem que acaba sendo tragado pelo desenvolvimento e pela vida moderna dos cafés e jogos de azar. “O silêncio da cidade já se quebrou. Outra vez rola, em direção ao centro, a onda dos automóveis e dos bondes. A tira mesmo de sombra junto à parede já é mais larga e mais disputada.” (p.59) Assim, depreendemos que as distâncias diminuíram, a mobilidade no espaço é através de bondes ou até mesmo a pé.

O romance *Os ratos* parece-me que é construído nas duas direções, campo e cidade, porém o leitor desatento percebe, apenas, as manifestações que advêm do

programa de modernização desenvolvido na época. É um romance urbano por excelência, mas as oposições estão explícitas quando observamos que o campo “guarnece”, a cidade e os moradores próximos das linhas de bondes de subsídios agrícolas. Vejamos nesse excerto: “São carroças naturalmente, carroças para o mercado, que vêm rodando sem pressa sobre a faixa de cimento.” (p.156).

Os personagens que acompanham Naziazeno são constituídos de uma humanidade desumana que advém do mundo urbano. Essa humanidade é refletida na compreensão de ajudar o amigo naquele momento, mas depois haverá a cobrança e novamente Naziazeno irá se sentir ameaçado. Assim, Dyonelio Machado dá-nos uma visão de homem da cidade totalmente complexo, levando-nos a compreender e não apenas justificar as falhas do personagem “cidadino”, para Dyonelio a humanidade do homem cidadão é ligado ao problema social que é retratado.

Assim, observamos uma escrita não combativa, mas representativa da situação social dos brasileiros, pois um assunto que parece banal, a falta de um alimento, é intensificado pela fraqueza psicológica do personagem e ao mesmo tempo, trazendo à tona os problemas eminentemente sociais, como falta de dinheiro para pagar as contas, e assim levando a outros problemas como uma bola de neve. E. M. Forster (1970, p.39), em seu livro *Aspectos do romance*, aponta que os romancistas “cuja maior paixão são os seres humanos, e que muito sacrificará em favor deles: estória, enredo, forma, beleza incidental.”, apresentam seus personagens, ora exagerando ora minimizando, retratando os processos pelos quais todos nós passamos. Assim, tomemos **a morte** como um dos processos que encontramos em *São Bernardo*, a morte de Madalena, sendo um dos fatores que desencadeia a angústia em Paulo Honório. E, temos **o alimento** em *Os ratos* que segundo Forster (1970, p. 41): “O alimento, em ficção, é principalmente social.”, portanto o leite também é um elemento forjador da angústia de Naziazeno.

SÃO BERNARDO

São Bernardo é publicado em 1934 e sua história se passa, também, na mesma década. O romance é uma espécie de memória do personagem central, Paulo Honório, que também é narrador, portanto é um personagem-narrador. O narrador delineia sua história de amor pelo espaço São Bernardo (a fazenda) e pela professora Madalena, trazendo à tona conflitos internos e emocionais “Tenciono contar a minha história.

Difícil.”, mas não é só isso, ele também aborda a sua difícil e árdua tarefa de passa-los para o papel “[...] esta pena é um objeto pesado.” A narração de *São Bernardo* se dá a partir do narrador-personagem, em primeira pessoa. No entanto, este narrador-personagem tenta se defender de uma possível exposição, lançando mão de um pseudônimo, como há no trecho: “Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo.” (p.11). Paulo Honório representa a ascensão do pequeno burguês, numa época que já se iniciou difícil para grande parte da população, portanto é um grande empreendedor, pois de empregado passou a proprietário.

Agora farei um pequeno resumo para compreendermos melhor a história de Paulo Honório e seus momentos de angústia e sofrimento, diante da escrita, o que podemos chamar de momento de purgação. São Bernardo é uma antiga propriedade, onde Paulo Honório trabalhou por um salário de cinco tostões. Seu antigo dono, Salustiano Padilha é pai de Luís Padilha. Paulo Honório, desde muito cedo, trabalha para garantir a sua sobrevivência, não tem pai nem mãe “Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe.” (p.14), portanto, sem família, foi criado por uma velha negra, Margarida, que vendia doces. Aos dezoito anos, cometeu seu primeiro “ato digno de referência” (p.16), bateu na Germana e esfaqueou João Fagundes, ficou preso por “três anos, nove meses e quinze dias”, levou surra de cipó de boi, quando saiu arrumou emprestado cem mil-réis a juros, a partir dessa quantia ele dobrou, viajou pelo sertão, virou negociante, ora perdendo ora ganhando, aprendeu aritmética para não ser enganado, após uma venda feita ao dr. Sampaio que acabou em alguns supetões, acabou retornando para a mata, no município de Viçosa, Alagoas, acompanhado de Casimiro Lopes, seu capanga.

Seu fito na vida foi **apossar-se** das terras de São Bernardo, propriedade onde trabalhou na roça. Salustiano Padilha antigo dono morre e deixa para o filho, Luís Padilha a propriedade, homem da mata, ateu, franzino, fala muito e admira as ações violentas, tem ideias subversivas segundo o narrador-personagem, ex-diretor do *Correio de Viçosa*, que irá futuramente trabalhar para Paulo Honório na escola construída em São Bernardo. Assim, Paulo Honório lança uma empreitada com o intuito de tomar-lhe a propriedade. Ao conseguir a propriedade, teve muitas dificuldades, além de Casimiro Lopes, Paulo Honório tinha também o cachorro Tubarão, mas depois, mandou vir outros trabalhadores, mas sua prosperidade só veio a partir da morte do seu vizinho Mendonça, pois assim invadiu as terras do vizinho e de outros vizinhos (Fidélis, e dos Gama)

também, “Violências miúdas passaram despercebidas.” (p.49) cometendo trapaças com a ajuda do seu advogado João Nogueira. Assim, deu início ao desenvolvimento da propriedade, trazendo a iluminação elétrica, comprou maquinismo, iniciou pomicultura, avicultura, serraria, descaroçador, capela e escola, embora essa última não fosse do seu agrado. Paulo Honório tinha além da ajuda do Casimiro Lopes e de seu advogado, os amigos Azevedo Gondim e Padre Silvestre.

Um dia, Paulo Honório amanheceu pensando em casar-se, lembrou-se das suas experiências com mulheres e das possibilidades possíveis com outras que conhecia, mas um dia conheceu D. Glória e sua sobrinha, a professora Madalena. Ele já ouvira falar dela. Madalena mora na cidade, era instruída, tinha olhos claros, era loura e tinha 27 anos, uma pessoa de boa índole e honesta. Casaram-se na capela de São Bernardo com a celebração do Padre Silvestre. Contudo, após dois anos, algumas coisas começaram a perturbar Paulo Honório como as despesas “supérfluas” para a escola, as diferenças linguísticas entre eles (Madalena e P. Honório), a presença de D. Glória, o autoritarismo de Paulo Honório em relação aos empregados, principalmente em relação a Marciano e o ciúme. Além de tudo isso, as questões políticas que circundavam o casal, principalmente as ideias de Madalena, preocupada com as injustiças sociais, as ideias de reforma social e comunista. Paulo Honório de 89 k, rosto vermelho e de sobrelhas espessas, mãos enormes, cabeludas e endurecidas pelos vários anos de lavoura, não gostava de mulheres sabidas. A situação ficou mais difícil após Madalena assistir aos maus tratos de Paulo Honório em relação a Marciano, empregado que faz tudo, levando-a a não suportar mais tanta indignação, e cometendo o suicídio.

De acordo com o Posfácio de Godofredo de Oliveira Neto, esse romance é o segundo do jornalista, político e escritor alagoano Graciliano Ramos (1892), com uma linguagem árida, o autor faz uso da língua aproximando a língua falada da escrita. Graciliano aborda na sua obra de ficção os conflitos sociais e os conflitos fundiários do Nordeste brasileiro. Viveu até 20 de março de 1953, quando acabou vítima de câncer do pulmão.

João Almino (2000) aponta que Graciliano Ramos como um escritor engajado, chegando a ser preso durante a ditadura de Getúlio Vargas, optou por um realismo crítico. Mas, que esse realismo de acordo com Almino (2000, p. 63) “Penetra nos subterrâneos da alma e nas mais baixas condições materiais e espirituais dos personagens, invadindo seus segredos e desvendando sua condição desumana.” Assim, temos um Paulo Honório que lamenta, lastima-se e se afligi, mesmo tendo declarado:

“Nunca me arrependo de nada. O que está feito está feito.” (p. 122), assim vemos, no momento da sua escrita todo a sua angústia:

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e **nunca** se revelou inteiramente. **A culpa foi minha**, ou antes, **a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.** (p.117)

Almino (2000) assinala que Graciliano descreve alguns processos econômicos em *São Bernardo*, sendo assim atribui valor aos elementos externos, ou melhor, dizendo, os sociais, mas que esse romance se torna o:

[...] mais equilibrado e bem acabado, o tema da posse está presente, mas não se situam no primeiro plano da narrativa nem simplificam o personagem central. Seu realismo não nega a subjetividade em nome da objetividade, o individual em nome do social.” (ALMINO, 2000, p.63)

Paulo Honório se compraz na sua árdua tarefa “inicie a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.” (p.10), e pouco a pouco, ele vai demonstrando as suas mazelas “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízos; fiz coisas ruins que deram lucro.” (p. 48). Então, vemos em alguns pontos a expressão individual no personagem que transcende ao social no aspecto que se reporta a sensibilidade, lucidez e compreensão, isso representa a humanidade contida na obra. No meu entender, Paulo Honório escreve para dar sentido a sua vida que ficou vazia, num completo abismo. “[...] concluindo isto. Amanhã não terei com que me entreter.” (p.220) Vale ressaltar que há um processo externo que leva Paulo Honório ao processo da escrita, o pio da coruja. O pio da coruja está muitas vezes atrelado a momentos negativos, é um elemento estranho ao conhecimento de Paulo Honório que o força a escrever. Contudo, percebe-se certo lamento na narrativa de Paulo Honório, como vemos nesses excertos:

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos. Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena ...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. (p. 118)

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. [...] Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. (p. 221)

O leitor vai depreendendo, através do seu discurso de total decadência que a sua expressão individual vai além do social, trazendo à tona todas as contradições humanas, levando-o ao estado de desordem em relação ao corpo e aos sentimentos:

[...] um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio. Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas. (p. 221)

De longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha. Digo em voz baixa:

- Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente.

A agitação diminui.

- Estraguei a minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu, Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige. (p. 220)

As contradições ficam a cargo do seu definhamento moral e de homem com espírito modernizador, ambicioso e ganancioso, na busca de um crescimento, dentro da dinâmica do capitalismo, de benfeitorias, tornando-o um empreendedor desumano que passa por cima de qualquer um e qualquer coisa, um latifundiário que busca o progresso para São Bernardo. E, um homem que, por meio dessa busca desenfreada, torna-se um homem em agonia e desiludido. No entanto, era esse o espírito do homem que buscava o moderno, mas que não modernizou nas atitudes nem nas relações sociais, principalmente nas trabalhistas, que é o que reflete o romance, Paulo Honório encontrou apenas desilusões. Como vemos nesse trecho: “Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o **explorador** feroz em que me transformei. [...] Julgo que me desnorteei numa errada.” (p. 218)

Faz-nos refletir também que a modernização com métodos antigos não dariam certo, como não deu. A manutenção de velhos hábitos e métodos não levou Paulo Honório a lugar algum. Assim, como não levou seu Ribeiro, o guarda-livros, que era o Manda-Chuva na sua região e acabou em decadência por não se adequar na transformação do vilarejo em cidade com a vinda do promotor, da polícia, das

máquinas, do padre, do automóvel e dos impostos. E, Paulo Honório não foi diferente, buscou crescimento, mas da forma que ele conhecia, à moda antiga.

Percebemos, também, na relação entre Paulo Honório e Marciano, empregado que foi surpreendido conversando com Padilha e que diante do “senhor” Paulo Honório teve uma atitude que não era admitida, falou: “ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.” (p.126), o narrador-personagem percebe que ninguém ainda tinha falado daquela maneira, Marciano acabou levando uma surra e o Padilha foi acusado de estar “enchendo de folhas as ventas daquele sem-vergonha”, ou seja, colocando ideias na cabeça de Marciano. Isso reflete os modos antigos que ainda se perpetuavam, pois embora sejam trabalhadores livres, ainda são tratados sem nenhum direito, numa relação próxima de trabalho escravo, tanto que Paulo Honório se refere a eles como “essa gente” e diante da indignação de Madalena, trata apenas como “frivolidade” da professora, e “essa gente” vivia da compaixão de Madalena. É muito significativo, o tratamento dado aos empregados que cercavam Paulo Honório, pois eram os piores possíveis, nesse excerto podemos ver como ele os via:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes. (p. 217)

Paulo Honório é bem consciente da sua posição como explorador e como homem que buscava certo prestígio dentro da sociedade, calculista e racional, todas as suas ações são comandadas com o intuito de vencer: “Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.” (p. 220), “Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado.” (p. 218). Ao final, São Bernardo acabou para Paulo Honório como começou, uma vez que acabou a avicultura, a horticultura e a pomicultura, as laranjas amadureciam e apodreciam nos pés, os bancos fecharam-no as portas, seu Ribeiro demitiu-se, Padilha e padre Silvestre juntaram-se a Revolução e a sua tristeza, deixando-o desanimado. “Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me

descontentam. [...] com um estremeamento, largo essa felicidade que não é a minha e encontro-me aqui em S. Bernardo, escrevendo.” (p. 219).

OS RATOS

Em 1935, o psiquiatra e escritor Dyonélio Machado publica *Os ratos*. Esse romance narra à vida, ou melhor, a miserável vida de Naziazeno Barbosa na cidade de Porto Alegre. Naziazeno, a esposa, Adelaide e o filho, Mainho moram possivelmente em um cortiço, na periferia da cidade, pois eram as moradias comuns daquela época. A trama começa fortemente com a seguinte frase: “Lhe dou mais um dia!”. Isso é tudo para arruinar ainda mais a triste vida dessa família em tempos de problemas econômicos e de subdesenvolvimento que assolava o País. Naziazeno trabalhava em uma repartição pública, fazendo um trabalho monótono que não exige pressa. Saía todos os dias cedo, pois pegava o bonde para o trabalho.

Viviam sempre na penúria, isso é percebido logo no primeiro capítulo, onde é exposta toda a situação. A pobreza é nítida, eles já excluíram da mesa, a manteiga, o gelo, e agora, talvez, o leite. “Lhe dou mais um dia” foi o que o leiteiro falou, pois Naziazeno precisa pagar cinquenta e três mil-réis para ter o fornecimento do leite garantido no dia seguinte. Este trecho retrata bem essa situação de penúria e também da falta de dignidade com que viviam essas pessoas, sem a menor participação ativa e a total falta de responsabilidade dos seus próprios destinos: “A sua mulher encolhida e apavorada é uma confissão pública de miséria humilhada, sem dignidade – da sua miséria.” (p. 17)

O dia de Naziazeno Barbosa começa com um “pega” aos olhos dos vizinhos com o leiteiro. Essa situação causa um desconforto, o deixando desorientado diante dos vizinhos e conseqüentemente diante da esposa. Ele tem um dia para conseguir a quantia, tem planos de pedir ao chefe, no entanto, o chefe já o havia ajudado em outra ocasião, quando o filho esteve com meningite, pois foi preciso pagar ao médico. A partir deste “pega”, Naziazeno começa uma angustiante corrida contra o tempo, numa luta que acaba não sendo sua, mas do acaso. Como mencionado, o plano de pedir ao chefe, não funciona:

O sr. pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro?(O diretor diz

essas coisas a ele, mas olha para todos, como que a dar uma explicação a todos. Todas as caras sorriem.) Quando o seu filho esteve doente, eu o ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas, e é o que me basta... (Risos) (p.43)

Essas foram as palavras do chefe, na frente de vários funcionários, sendo assim, mais um “pega” aos olhos de outros, que demonstra uma situação de humilhação, rebaixamento e desmoralização, deixando-o num estado de grande agonia. Esses “pegas”, principalmente o primeiro, transmiti uma situação de exposição vexatória diante dos vizinhos e de total desconforto diante da mulher. Então, o ambiente para Naziazeno tornar-se apreensivo, pesado e tenso, assim também o é, dentro de casa, uma vez que ele se sente pressionado pela mulher a toma uma atitude. Esse desconforto o acompanha até a **rua**. Os pensamentos estão a todo tempo atordoando-o, deixando-o numa situação de insignificância e de fracassado.

A trama é narrada em um dia apenas, começa na numa manhã e termina na manhã seguinte, mas o que deseja Naziazeno diante de tudo isso: “ o seu desejo mesmo é não encontrá-lo, não encontrar ninguém. Não vai voltar pra casa. [...] Porque é preciso renunciar àquele desejo de conseguir o dinheiro.” (p.48). Mas, o tempo está passando e Naziazeno se apega ao colega Alcides que tenta ajuda-lo com o resgate de uma dívida de uma “transação financeira”, o que também não deu certo. Como foi dito, a história toda se passa em um único dia, em que a perturbação psicológica sofrida pelo personagem principal é uma das engrenagens que mantem a trama numa louca e sufocante perseguição ao *dinheiro* e contra o *tempo*. Percebe-se, também, que o personagem transfere o seu problema para outros resolverem, mas não é só isso, ele consegue uma parte da quantia com Costa Miranda, mas é atormentado pelo desejo de tentar a sorte. Para ele, o jogo é uma tentativa, como tantos outros brasileiros pensam que tudo vai mudar de um dia para o outro, de modo fácil. Demonstrando, mais uma vez que o personagem joga todo o seu objetivo (conseguir o dinheiro para sanar a dívida e ter o leite no dia seguinte), no acaso, e assim, sua tentativa é frustrada, a roleta lhe fez perder o dinheiro e uma parte do tempo. Vale ressaltar que o tempo é bem marcado no romance, sendo passado para o leitor de forma cronológica todo o romance e o espaço também é caracterizado um dos pilares do romance, pois Tempo e Espaço de acordo com Mafra (2013) são duas grandezas marcantes no romance, eles oprimem o protagonista, o tempo pela urgência que o personagem tem e o espaço por ser um ambiente de convívio fechado ao trabalho e de transfiguração do social, financeiro e

político.

O romance é narrado em terceira pessoa, o qual é percebido certa distância, no entanto conforme Camargo:

A distância em relação ao outro permanece registrada no discurso, portanto. Mas a forma que essa distância assumirá na constituição da voz narrativa parece paradoxal: ele faz, em certa medida, do olhar de Naziazeno o seu próprio olhar. (CAMARGO, 2001, p.758)

Assim, o narrador traça um personagem que “Não paga ninguém”, sem dá nenhuma ou quase nenhuma descrição física do personagem, há apenas um olhar do narrador pelo próprio personagem “o olhar como que se lhe fica evasivo, ele parece que está mentindo em cada palavra verdadeira e angustiante que profere ...” (p.14). Dessa forma, de acordo com Camargo:

[...] o papel do narrador parece ser apenas o de organizar um discurso que é, na verdade, da personagem, com um relato formalmente em terceira pessoa, mas que revelasse uma visão de mundo de primeira pessoa.” (CAMARGO, 2001, p. 758)

Então, temos um personagem que parece ser inexpressivo, entretanto a sua angústia reflete toda a sua expressividade interior. Naziazeno se julga “em débito” com os homens, desde que vai ser salvo pela bondade dos homens. Ele é todo humanidade, solidariedade. (p.27) Naziazeno recebe a ajuda dos amigos Alcides Kônrad, Duque e Anacleto Mondina depois de percorrer vários lugares na cidade e também de jogar na roleta a sua sorte, após ter recebido dinheiro para almoçar de Costa Miranda. Naziazeno não almoça, toma apenas um copo de *leite* que Alcides lhe paga.

Nesse contexto, sempre que o espaço da cidade é retratado na sua busca pelo dinheiro Naziazeno sente náuseas, tontura, as pernas ficam bambas, a cabeça lhe dói, entre outras coisas, a fome corrói o seu estomago e seus pensamentos. Após a cansativa peregrinação, Alcides e Duque penhoram um anel de família para Mondina que a princípio não queria fazer o negócio. À noite, mais precisamente passando das 8 horas, a peregrinação de Naziazeno chega ao fim. Ele consegue o dinheiro, vai ao sapateiro buscar o sapato da esposa que já fazia algum tempo que estava para consertar, vai a Loja Dolores e compra presentes para o filho, são brinquedos de borracha para um criança de mais de 4 anos de idade, “- Brinquedinho de borracha...É brinquedo de criança pequena ...” (p.130), dois leõezinhos, vai ao caixeiro compra-lhe manteiga,

queijo, depois pede a um garoto da vizinhança que vá compra-lhe um vinho, Naziazeno irá ter um jantar de rei.

Vale ressaltar a pressão psicológica do personagem Naziazeno que perpassa toda a narrativa, sendo, portanto um grande destaque na construção do romance, pois revela a complexidade do sofrimento vivido por Naziazeno que vai muito além de um “pega” com o leiteiro. Vejamos aqui alguns trechos que nos dá toda essa complexidade na angústia vivida pelo protagonista:

Sente uma amargura doída dentro de si, na altura do peito e do estômago, uma espécie de ânsia e de náusea. E outra vez afigura superior e inquietante do leiteiro... e as palavras da mulher, a metralharem tranquilamente os seus ouvidos: “— Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: *Lhe dou mais um dia!*.”(p.16)

Naziazeno mal percebe o que diz o motoneiro. Há um estribilho dentro do seu crânio: “*Lhe dou mais um dia!* tenho certeza”... Quase ritmado: “*Lhe dou mais um dia!* tenho certeza”... É que ele *está-se* fatigando, nem resta dúvida. A sua cabeça mesmo vem-se enchendo confusamente de coisas estranhas, como um meio sonho, de figuras geométricas, de linhas em triângulo, em que há *sempre* um ponto doloroso de convergência... *Tudo* vai ter a esse *ponto*... Verdadeira obsessão. (p.18)

A percepção de mundo representada em *Os ratos* conduz-nos a uma verdadeira averiguação, pois não encontraremos em apenas uma leitura, devemos, portanto, realizarmos uma segunda, só assim, vamos ter a noção de mundo que grande parte dos brasileiros na década de 30 viveram. A primeira leitura nos dá uma história banal de um homem que não tem condições de pagar seus débitos, como a grande maioria dos brasileiros, mas a segunda nos dá isso, acompanhado de denúncias sociais, humilhações humanas, falta de integridade e decência, daqueles que não alcançou o entendimento do que se passara em suas vidas com as grandes mudanças advindas do mundo capitalista. Ao encontro dessas palavras, podemos observar na opinião de Lucie Didio Michalski:

Acredita-se que quem tenha lido *Os ratos* de Dyonélio Machado dificilmente se esquecerá de sua estória pelo mínimo por dois motivos. O primeiro deles: o assunto tratado é “corriqueiro”, “banal”, no entender de alguns críticos; e o segundo: seu drama “comovente” “beira a pieguice”, conforme outros críticos. Ora, o que toca o sentimento dificilmente pode ser esquecido. (MICHALSKI, 1994, p. 27)

O romance *Os ratos* não será esquecido por quem o ler, uma vez que o leitor busca responder as indagações suscitada pela leitura. O título *Os ratos* faz-nos lembrar

de que ratos são animais indesejáveis e repugnantes, de hábitos noturnos que todos querem à margem, vivem sempre a espreita por migalhas. Nesse contexto, encontramos também na obra um zoomorfismo quando o narrador descreve alguns personagens com focinho e pés de ratos como observamos nesses trechos: “Naziazeno “vê-se” no meio da sala, atônito, sozinho, olhando pra os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com **pés de ratos**⁶ ...” (p. 41); “Duque volta-se inteiramente para o lado de Naziazeno. Avança-lhe um **focinho**⁷ sereno e atento. O olhar tem uma fixidez meio triste.” (p.99); e “A seu lado, Naziazeno ergue-lhe um **focinho**⁸ humilde. Vai fazendo gestos de aquiescência com a cabeça.” (p.102); “Mas na mesma ocasião o seu ar de pobreza, aquele **focinho**⁹ quieto e manso que vem ali a seu lado, tiram-lhe qualquer ilusão.” (p. 104), assim, pode-se observar que o uso corrente do vocábulo remete a determinado comportamento e atitude dos personagens, ora de desconfiança ora furtivos e também de certa sujeição. Dessa forma, o título nos remete a sujeição dos personagens frente à formulação modernizadora que o País pretendia alcançar dentro das concepções capitalista.

CONCLUSÕES

As mudanças políticas, econômicas e sociais que houve nos anos de 1930, colocaram à tona várias discussões em vários segmentos e a Literatura foi um deles. Diversos autores queriam e redescobriram o Brasil, trazendo outro olhar sobre as questões nacionais. Esses anos, como sabemos, foram de grandes ações para possibilitar um “novo” sistema de organização do poder, porém um “novo” com medidas velhas. Assim, a sociedade clamava por mudanças em um País com inúmeros contrastes sociais e inúmeras manifestações culturais, nos modos de vida da cidade e do campo.

A Literatura como expressão artística de uma sociedade soube sabiamente retratar esses contrastes sociais e os romances, *Os ratos* e *São Bernardo* trazem uma visão pessimista em relação à busca da modernidade, pois está ligado à ascendência da pequena burguesia brasileira e o processo de proletarização da grande população brasileira. Esse trabalho refletiu sobre essas mudanças e contradições dentro da

⁶ Grifo meu.

⁷ Grifo meu.

⁸ Grifo meu.

⁹ Grifo meu.

produção literária a fim de perceber como essas contradições estavam presentes na vida dos brasileiros, uma vez que a Literatura estabelece relações com a Sociologia e a História.

Observamos que as contradições humanas em *São Bernardo* estão ligadas a forma desumana que Paulo Honório buscou seu sucesso, passando por cima de tudo e todos e tornando-se um “monstro”. A partir da decadência, ele faz um balanço da própria vida, uma avaliação, assim, ele percebe a sua existência desumanizadora. Paulo Honório, homem racional e calculista, consciente dos seus feitos, da sua relação com o tempo, o controle e a posse, e organização das suas ações no tempo. Mas, no mais fundo do poço Paulo Honório constrói um livro e assim é capaz de sentir na sua subjetividade a sua desumanidade, então a sua humanização está vinculada a construção do próprio livro. No entanto, criou-se também uma relação humanizada com o leitor quando ele se identifica com o desenvolvimento de Paulo Honório e com o fracasso, fazendo-nos pensar também no poder humanizador da literatura.

A linguagem de *São Bernardo* é muito moderna, a tendência de escrever como se fala no sentido de estabelecer comunicação, é um da característica do romance de 30. A respeito da construção do livro, Paulo Honório pretendia fazê-lo dividindo o trabalho, ou seja, numa divisão típica de uma sociedade capitalista, mas depois o próprio protagonista faz a escolha de abandonar a “empresa”, por que algo o forçou a escrever este livro sozinho. Temos o pio da coruja que é um elemento desencadeador do processo narrativo de Paulo Honório, é um elemento estranho ao conhecimento dele, mas que o força a escrever. Isso está ligado a uma força estranha, que ele não controla. O personagem talvez entenda que há coisas estranhas que está fora do seu controle. Sendo esse um elemento desencadeador externo que necessitaria de mais pesquisa, sobretudo o sentido simbólico da coruja na cultura brasileira.

No entanto, há outras questões que também mencionamos como a linguagem que Paulo Honório coloca em seu texto que evidencia a forma moderna que Graciliano Ramos emprega, no sentido de estabelecer comunicação, tanto por parte de Paulo Honório como dá sua própria, em um estilo *mise en abyme*.

Em *Os Ratos* percebemos o quanto o Brasil era atrasado em questões de modernidade, o romance mostra a cidade, a rua e o ritmo de uma vida citadina, esse ritmo abateu vários brasileiros que não estavam preparados para o progresso e acabaram sendo tragados pelo capitalismo ferrenho. Naziázeno, homem fracassado, sem forças,

vivendo grandes conflitos internos em meio às circunstâncias externas que agravam mais e mais a sua situação. Constatando-se a falta de esperança e a desilusão no projeto de desenvolvimento e progresso que não deu certo, fracassou como Naziazeno, e seus amigos que não têm oportunidades. Vale lembrar que a figura do fracassado foi muito corrente no romance dos anos 30. Dyonelio Machado emprega muito bem a linguagem simples, também cheia de regionalismo, e o fluxo de consciência na narrativa. Ele dá-nos uma visão de homem da cidade totalmente complexo, levando-nos a compreender e não apenas justificar as falhas do personagem “cidadino”, para ele a humanidade do homem citadino é ligado ao problema social que é retratado.

Na leitura dos dois romances, o leitor irá perceber que eles têm um diálogo entre o campo e a cidade, “cada um à sua maneira”. Em *São Bernardo* predomina o campo, que traz um diálogo referente à visão camponesa em contraponto da vida urbana. Em *Os ratos* predomina o espaço da cidade, na medida em que o Brasil se modernizava na época, mas essa modernização, ou melhor, esse progresso não se desenvolve de modo constante e a sua chegada demanda uma série de questões na vida dos brasileiros.

A Literatura Brasileira nesse momento alcança seu ápice, pois retoma a discussão que iniciou nos anos 20 e supera a proposta dos iniciadores do Modernismo, potencializando a arte nacional. Com isso, temos hoje uma Literatura concisa e forte. Considerando esses fatores elencados aqui sobre o conjunto de contradições nas questões históricas, os romances, *São Bernardos* e *Os ratos*, realizam e superam nas referências diretas e indiretas dos elementos sociais e nas contradições humanas empregadas nas narrativas. Uma vez que, esses romances se inserem na tradição literária brasileira, bem como na questão estética e no momento da história social do País.

Enfim, temos as angústias retratadas nos romances que são de causas humanas advindas de problemas sociais e também universais de certa maneira, Naziazeno em conflito consigo e com os outros dentro da ótica social e Paulo Honório em conflito consigo mesmo, também dentro de uma ótica social, mas de foco universal quando abrange o ciúme que sente por Madalena. Tudo isso dentro do contexto de modernização do País. Acredito que há muito mais nas obras para serem debatidas nessa perspectiva, a problematização não acaba aqui, ainda há muito a se dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMINO, João. “De Machado a Clarice: a força da literatura” *in* MOTA, C.G. **Viagem Incompleta: a experiência brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.

BORGES FILHO, Ozíres. **Espaço & Literatura: introdução à toponálise**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CAMARGO, Luís G. B. de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. 2001.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. *In*: Candido, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p.117-145.

_____. Estímulos da Criação Literária. *In*: Candido, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p.44-80.

_____. **A personagem de Ficção**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CHAVES, Flávio Loureiro. **História e Literatura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1988.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudo sobre o culto, o direito as instituições da Grécia e de Roma**. Tradução Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, 1975.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1974.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

LAFETÁ, J. Luiz. **A dimensão da Noite**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. Tradução Laymert Garcia dos Santos. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Os anos Trinta**. Perspectivas. São Paulo, 1988. 11:93-99.

MACHADO, Dyonélio. **Os ratos**. 2 ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

MAFRA, Edelweiss de Moraes. **A existência por reinventar: o herói fracassado e a nação degradada em Os ratos de Dyonelio Machado**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

MICHALSKI, Lucie Didio. **Configuração da visão de mundo em ‘Os ratos’: tentativa de interpretação estrutural-genética de ‘Os Ratos’ de Dyonelio Machado.** 1977. 130 f. Dissertação (mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.

MILANESI, Luís Augusto. **O Paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

POMAR, Wladimir. **Era Vargas: A modernização conservadora.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

RAMA, Angel. **A cidade das letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Maria Izabel B. F. dos. **Graciliano Ramos: um escritor personagem.** 2005. 198 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

WILLIAMS, Raymond **O campo e a cidade na história e na literatura.** Tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Brasília, 09 de dezembro de 2014.

Sylvânia Rodrigues do Nascimento Silva